

Pão-durismo vai ser símbolo da administração

ANDREI MEIRELES

A arrogância teatral, pretensamente imperial, de Fernando Collor teve o seu símbolo — o jet sky, brinquedo caro e agradável, que se torna perigoso quando mal usado. O velho e confiável pão de queijo tomou seu lugar, simbolizando a era de simplicidade da gestão Itamar Franco, que chegou a ser ridicularizada, mas ganhou o respeito e a aprovação do País.

Agora, a simplicidade dá vez à sofisticação, mas Fernando Henrique Cardoso pretende transformar o folclore, com fundo de verdade, em símbolo de seu governo: o pão-durismo. Tancredo Neves lançou o slogan, em 85: “É proibido gastar”. Não viveu para aplicá-lo e nem para ver a gastança de José Sarney na Nova República.

Na campanha eleitoral, Cardoso capitalizou a imagem de pão-duro: em seu último comício, em Santos, pegou uma das notas de um real que eram jogadas no palanque e com a alegria de um Tio Patinhas a embolsou. O futuro ministro José Serra, que cuidará da chave do cofre, antecipou-se à inevitável pressão dos aliados que chegaram ao poder nos estados e anunciou: “Seremos um governo de pães-duros”. O avarento Tio Patinhas, porém, jamais concordaria que o primeiro ato do Governo — a festa “requintada-intelectual”, no Itamaraty, como a definem seus organizadores — vai custar mais de R\$ 3 milhões.